

Mapeamento da biodiversidade dos fundos do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina

Nos passados meses de julho, agosto e setembro a equipa do CCMAR retomou as saídas do projeto MARSW no PNSACV. Estas tinham sido suspensas no contexto da atual pandemia, mas voltaram em força e cumprindo todas as medidas de segurança a bordo. As campanhas de recolha de imagens dos recifes rochosos do PNSACV foram asseguradas com a utilização de um veículo de operação remota (ROV).

Desta vez, a totalidade das imersões foi efetuada ao longo da costa ocidental do PNSACV para que, com a análise dos registos de imagem, se possa realizar o mapeamento e a caracterização biológica da secção alentejana do parque (a secção do Algarve já foi mapeada anteriormente). A utilização de veículos submarinos não tripulados permite aos investigado-

res a observação e recolha de imagens dos fundos marinhos sem as limitações do mergulho com escafandro. No projeto MARSW, o ROV tem vindo a ser utilizado nas zonas de profundidades superiores a 15 m até aos limites da área marinha do parque. Nesta campanha de ROV, foram efetuados 19 mergulhos.



Imagens de algumas espécies de invertebrados e habitats amostrados pelo ROV na costa alentejana (foto: ROV CCMAR, operado por Frederico Oliveira).



As imersões efetuadas permitiram observar habitats dominados por comunidades de algas castanhas e vermelhas, rochas colonizadas por mosaicos coloridos de múltiplas espécies de esponjas e algas calcárias, e, em zonas mais profundas, agregações de esponjas amarelas e zoantídeos (pequenos corais moles). Entre os peixes, destacam-se os sargos-safia, os bodiões, as judias e as garoupas, todos de espécies típicas deste tipo de fundos na costa continental portuguesa. Os equinodermes, como os ouriços e os

pepinos-do-mar, as anémonas e os zoantídeos, bem como variadíssimas esponjas, estão entre os invertebrados mais abundantes nos habitats visitados.

Infelizmente, para além da biodiversidade encontrada, também foi possível observar ao longo da área marinha do parque a ocorrência de lixo marinho e artes de pesca não sinalizadas, e que em várias ocasiões interferiram com as operações de ROV.



Imagens de algumas espécies de peixes e habitats amostrados pelo ROV na costa alentejana (foto: ROV CCMAR, operado por Frederico Oliveira).



Pesca experimental à linha

Um dos objetivos do projeto MARSW passa por avaliar o efeito de proteção das áreas onde a pesca é quase totalmente interdita (áreas de proteção parcial tipo I, ou áreas de PPI), relativamente a áreas adjacentes (áreas de proteção complementar, ou áreas de PC).

Para esse efeito, os investigadores têm aplicado um conjunto diversificado de metodologias de amostragem que incluem a realização de censos visuais e campanhas de pesca experimental para verificar de que forma a proibição parcial da pesca aplicada em 2011 influenciou a quantidade, a diversidade e o tamanho do pescado.

Em 2019 e 2020, investigadores do MARE realizaram campanhas de pesca experimental à linha com cana, a partir de terra ou numa embarcação. Este estudo foi realizado em fundos rochosos nas áreas de PPI da Ilha do Pessegueiro e do Cabo Sardão, e em quatro áreas de PC adjacentes a cada área de PPI (duas a norte e duas a sul).



Voluntário fazendo pesca experimental à linha a partir de terra (foto: Paula Coelho).



Estes trabalhos contaram com a preciosa colaboração voluntária de pescadores experientes na atividade de pesca à linha com cana exercida nesta costa, a quem muito se agradece o elevado interesse e empenho. Os peixes e polvos capturados

foram identificados até à espécie e o seu comprimento ou peso foi determinado. Sempre que possível, os animais capturados nas áreas de PPI foram devolvidos ao mar em boas condições de sobrevivência.



Investigadora do MARE a medir um sargo-legítimo capturado na pesca experimental à linha a partir de terra (foto: Paula Coelho).



Voluntário fazendo pesca experimental à linha numa embarcação (foto: Laura Palacín).



A pesca à linha a partir de terra foi feita na primavera e no verão de 2019, considerando a área de PPI da Ilha do Pessegueiro e áreas de PC adjacentes, engodando e iscando com sardinha durante cerca de uma hora em cada área. Neste estudo, o sargo-legítimo foi a espécie mais capturada (81,7%), seguido pelo robalo-legítimo (7,61%). Nas áreas de PPI foram pescados mais e maiores peixes, revelando que a sua proteção teve um efeito significativo.

A pesca à linha numa embarcação foi realizada no verão de 2020, considerando as áreas de PPI da Ilha do Pessegueiro e do Cabo Sardão, e em áreas de PC adjacentes, usando iscos frescos variados durante cerca de uma hora em cada área. Foram capturadas 21 espécies de peixes e uma de moluscos

(polvo-comum). As espécies mais capturadas são o sargo-safia (31%) e a choupa (20%). Também neste caso, foram pescados mais peixes nas áreas de PPI, revelando que as restrições à pesca tiveram um efeito positivo significativo.



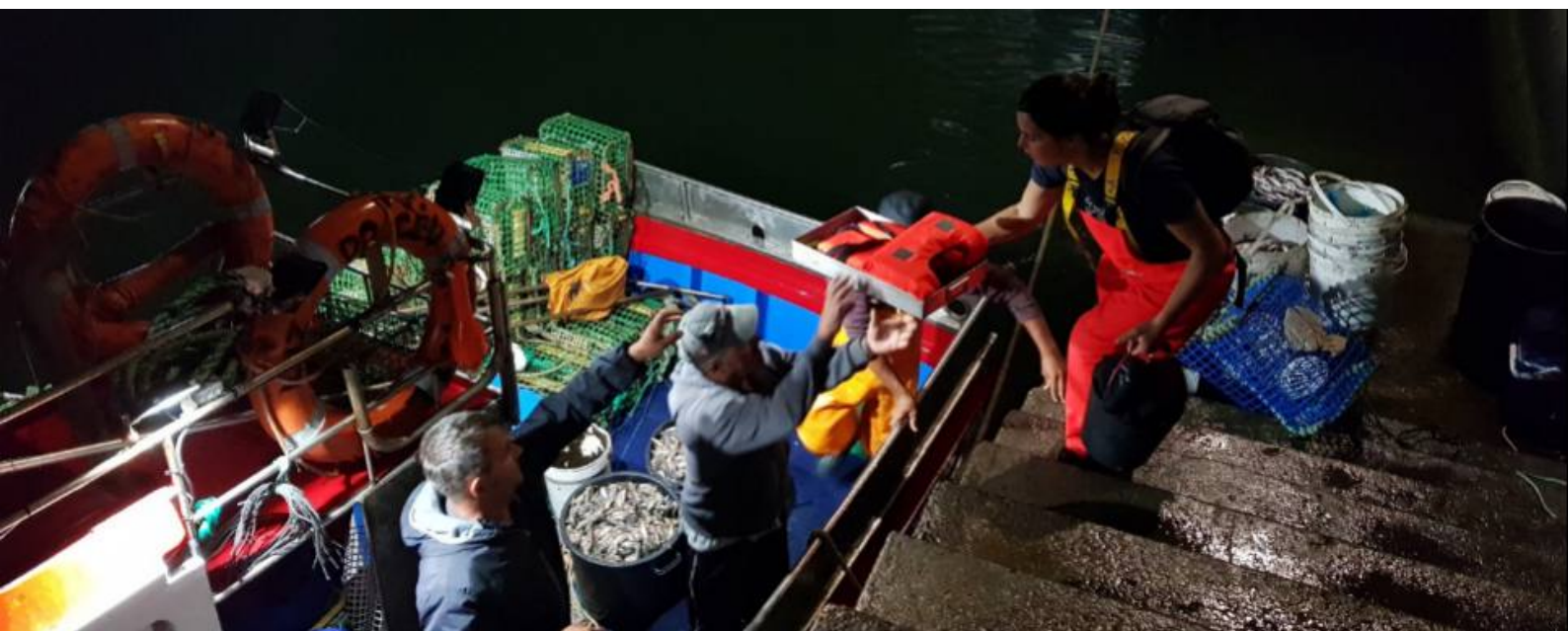
Medição de peixe (bica) capturado na pesca experimental à linha embarcada (foto: Laura Palacín).



Investigadores acompanham a pesca local na costa alentejana

Em janeiro de 2019 iniciaram-se estudos de caracterização da pesca comercial na área marinha do PNSACV. Os principais objetivos da tarefa são identificar o tipo de embarcações e artes de pesca mais utilizadas e estimar as capturas e rejeições (ou seja, devoluções ao mar) de pescado. Este trabalho dá continuidade às atividades já desenvolvidas no projeto PROTECT entre 2011 e 2013, durante o qual foi iniciada a monitorização do efeito da proteção das áreas de PPI da Ilha do Pessegueiro e do Cabo Sardão.

Numa primeira fase, foi feita uma caracterização da frota através de inquéritos presenciais a 83 mestres nos cinco portos da região alentejana do PNSACV: Sines, Porto Covo, Porto das Barcas (Vila Nova de Milfontes), Lapa de Pombas (Almogrove), Entrada da Barca (Zambujeira do Mar) e Azenha do Mar. A maioria opera embarcações locais, de pequenas dimensões, recorrendo a várias artes de pesca. De entre os mestres que se disponibilizaram a levar investigadores do MARE a bordo, 30 foram aleatoriamente selecionados para colaborar, quer através de acompanhamentos a bordo, quer de inquéritos telefónicos quinzenais.



Investigadora do MARE embarca de madrugada para uma saída de acompanhamento num barco de pesca local que opera na área marinha do PNSACV (foto: João Pedro Marques).



No total, realizaram-se 31 embarques (22 no verão e 9 no inverno) em barcos que operavam armadilhas (de vários tamanhos, incluindo covos, ou seja, armadilhas pequenas), redes de emalhar (fundeadas, ou seja, redes de um pano fixas ao fundo), palangre (ou aparelho de anzol, isto é, uma linha assente no fundo do mar e a meia água com centenas de anzóis separados alguns metros) e redes de cerco.



O peso dos exemplares capturados por pescadores comerciais é uma das informações recolhidas pelos investigadores que acompanham esta atividade, como é ilustrado nesta foto da pesagem de um polvo-comum capturado num covo (foto: Filipa Silva).

Dependendo das suas dimensões, os covos são muito utilizados para capturar polvo-comum, navalheira, moreia e safio; o palangre é utilizado principalmente para capturar robalo-legítimo, dourada e sargo-legítimo; as redes de emalhar capturam uma grande variedade de espécies, mas o linguado-legítimo e o salmonete são das espécies mais almejadas; e, por fim, as redes de cerco são

utilizadas para a captura de peixes de cardume, geralmente cavala e sardinha. Para além das espécies-alvo, inúmeras outras espécies são capturadas e por vezes rejeitadas.



Três perguntas ao Presidente da Câmara Municipal de Aljezur, Dr. José Manuel Lucas Gonçalves.



Acha que é importante para o município de Aljezur ter uma área marinha protegida que abrange o seu território?

Sim, é importante para um Município como Aljezur, pois a Natureza é um dos seus maiores valores, em terra e no mar.

Enquanto cofinanciador do projeto MARSW, quais entende serem as mais-valias do projeto MARSW para a gestão da área marinha do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina?

As mais-valias serão em vários aspetos, desde logo o conhecimento dos valores e recursos que podem existir nesta área marinha, que é muito importante termos esse conhecimento. Tal permitirá que sejam tomadas mais e melhores decisões sobre a gestão desta costa sudoeste, assim como acompanharmos o estado dos recursos.

Considera o desenvolvimento territorial compatível com a existência dessa área marinha protegida?

Sim, considero. Estudando e monitorizando o estado dos recursos naturais, e aumentando a sustentabilidade de várias atividades ligadas a estes, será seguramente compatível. A gestão de recursos deve ser baseada em conhecimento científico. ■



Legenda: Baía da Praia da Arrifana, com a Pedra da Agulha ao fundo. Este afloramento rochoso foi designado como área de proteção total em 2011, na sequência da revisão do Plano de Ordenamento do PNSACV (foto: Bernardo Quintella).



Ficha Técnica

PROJETO

MARSW - Sistemas de informação e monitorização da biodiversidade marinha das Áreas Classificadas do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina (POSEUR-03-2215-FC-000046)

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Universidade de Évora, MARE – Centro de Ciências do Mar e do Ambiente, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e Centro de Ciências do Mar da Universidade do Algarve – CCMAR.

PARCEIRO INSTITUCIONAL

ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas

ENTIDADE BENEFICIÁRIA

LPN - Liga para a Protecção da Natureza

FINANCIAMENTO

O projeto é financiado em 85% pelo Fundo de Coesão, Programa Operacional Sustentabilidade e Eficiência no Uso de Recursos (POSEUR). O restante orçamento é proveniente de contribuição do Fundo Ambiental e das Câmaras Municipais de Aljezur, Odemira e Vila do Bispo.

COORDENAÇÃO E EXECUÇÃO CIENTÍFICA



BENEFICIÁRIO



PARCEIRO INSTITUCIONAL



COFINANCIAMENTO



AMBIENTE E AÇÃO CLIMÁTICA

